

CENTRO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA PAULA SOUZA
FACULDADE DE TECNOLOGIA DE INDAIATUBA

Monografia: uma abordagem sobre estudo monográfico a partir da perspectiva dos
alunos da Fatec-ID

Sergio Roberto da Silva

Curso Superior de Tecnologia em Automação de Escritórios e Secretariado

Indaiatuba
Dezembro/2002

CENTRO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA PAULA SOUZA
FACULDADE DE TECNOLOGIA DE INDAIATUBA

Monografia: uma abordagem sobre o estudo monográfico a partir da perspectiva dos
alunos da Fatec-ID

Sergio Roberto da Silva

Curso Superior de Tecnologia em Automação de Escritórios e Secretariado
Estudo monográfico apresentado como parte dos requisitos para obtenção de
diploma de graduação, sob orientação do Prof. Sullivan S. Pouza

Indaiatuba
Dezembro/2002

Agradecemos a todos membros do corpo docente e discente que, de forma direta ou indireta tenham contribuído para a consecução da presente pesquisa. Em especial, agradecemos ao Prof. Sullivan S. Pouza pela atenção que nos foi dispensada no andamento da presente pesquisa, revelando-nos os caminhos e contornos acerca do estudo monográfico.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	1
Capítulo 1 Estudo Monográfico: Alguns conceitos e paradigmas.....	8
Capítulo 2 A relação do aluno com o estudo monográfico.....	16
Capítulo 3 Conflitos relacionados à produção escrita do estudo monográfico e às dificuldades da apresentação oral.....	26
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	33
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	36
ANEXOS	
A01: Critérios utilizados para a seleção e utilização das informações dos anexos.	1
A02: Relação dos temas das monografias dos alunos de TF-1 do 2º semestre 2010.....	3
A03: Questionário para coleta quantitativa de dados.....	4
A04: Roteiro de Entrevista utilizado na realização da pesquisa de campo.....	5
A05: Critérios utilizados na transcrição das entrevistas (simplificado).....	6
A06: Transcrição de entrevista individual 1.....	7
A07: Transcrição de entrevista individual 2	11
A08: Transcrição de entrevista em grupo 1.....	14
A09: Transcrição de trechos relevantes extraídas dos questionário do anexo A03.....	19
A10: Conteúdo programático do 1º WorkShop de Monografias e Projetos da Fatec-ID.....	20
A11: “Dicas para falar melhor”: 10 dicas do Prof. Reinaldo Polito para melhorar o desempenho na fala ao público.....	22
A12: Novas considerações a respeito de paradigmas – Joel Barker.....	23
A13: Artigo: “Monografias ajudam a conquistar vagas”	29
A14: Artigo: “O sofrimento na reta final”	30
A15: Artigo: “O título de um trabalho científico”	31
A16: Artigo: “Pesquisar é preciso; escrever é difícil?”	33

RESUMO

O presente estudo monográfico teve como objetivo pesquisar e discutir algumas dificuldades que normalmente os alunos encontram para desenvolver a monografia. Tal estudo deve-se ao fato de que a monografia, pela sua própria natureza, passa aos discentes a idéia de algo difícil de se fazer. Conseqüentemente, uma imensa cadeia de paradigmas são absorvidos e veiculados a partir das incertezas que os alunos passam um para o outro em todo o âmbito da instituição.

Neste trabalho, foram levantadas algumas questões centrais para a discussão proposta, a saber: O significado da monografia para o aluno, a escolha do tema, formas de iniciar o planejamento do trabalho. As questões em referência, por serem comuns entre os alunos, foram inseridas no estudo de forma a promover uma integração entre os alunos de todos os semestres proporcionando assim, aos mais novos, a oportunidade de saberem quais os percalços que poderão encontrar à medida que forem se envolvendo com o estudo monográfico. Foram consultados alunos do 1º ao 8º semestres e entrevistados alunos de Trabalho de Formatura 1 e, através de um diálogo com literaturas de especialistas, pudemos evidenciar relações conflitantes entre o que os alunos pensam e o que propõem os estudiosos no assunto.

INTRODUÇÃO

O trabalho de formatura (doravante TF-1), é uma das disciplinas que compõem a grade curricular do curso de Tecnologia em Automação de Escritórios e Secretariado da Fatec-Indaiatuba (doravante Fatec-ID) assim como na maioria das instituições de ensino superior e em diferentes modalidades de cursos de graduação. Trata-se de uma disciplina obrigatória para a conclusão do curso sendo ministrada nos sétimo e oitavo semestres¹, ou seja, nos dois últimos semestres em que o aluno deve concluir o mesmo. A nossa impressão como membro da comunidade escolar é que, por ser uma disciplina que exige dos discentes um empenho diferenciado - tanto no que se refere à elaboração do estudo quanto à criticidade da discussão - que transcende os trabalhos anteriormente desenvolvidos nas demais disciplinas em função dos objetivos peculiares do TF-1, a disciplina provoca no corpo discente uma certa insegurança e medo do desconhecido, naturais a qualquer contexto de ensino. A esse respeito, Carvalho (1998:149) sugere algumas das prováveis origens dessa insegurança e tensão frente ao desafio do estudo monográfico:

¹ Veja Portaria Fatec – ID Nº 03/2001 de 12 de abril de 2001. A portaria sob enfoque foi utilizada como referência para o andamento do presente estudo. Atualmente, há uma nova portaria em vigor sob registro Nº005/2002 de 6 de setembro de 2002.

Na realidade, estas síndromes e resistências expressam, em maior ou menor grau, as falhas estruturais do processo educacional brasileiro, que não tem incentivado os educandos à reflexão

Dessa forma, numa das aulas de TF-1 durante o segundo semestre de 2001 nesta instituição de ensino, quando os alunos e professor discutiam a respeito das dificuldades para se conseguir material de pesquisa para o desenvolvimento dos trabalhos de monografia, tivemos a oportunidade de sugerir a elaboração de uma lista com os nomes dos alunos e os respectivos temas a serem dissertados no TF-2. Um dos objetivos da lista era o de compartilharmos entre os alunos informações sobre artigos e literatura especializada interessantes que pudessem ser relevantes aos estudos dos alunos. Desta forma, fizemos cópias da mesma e distribuímos para todos. Todavia, durante o tempo em que perguntávamos a cada aluno qual era o seu tema deparamo-nos, várias vezes, com declarações relacionadas a dúvidas quanto à definição do tema a ser pesquisado; daí um dos motivos da nossa indagação: por que a existência de tais dúvidas? Marina, um dos sujeitos colaboradores da nossa pesquisa, nos esclarece sobre essa questão da seguinte forma:

a questão por onde começar eu não sabia se começava por um histórico ou se começava direto pelo problema que eu tive ou problema das empresas no geral né? que foi a dificuldade de estar decidindo isso e também de você idealizar alguma coisa escrever é muito diferente e bastante complicado né? e aí volta a dificuldade de escrita de novo ah você tem um monte de idéia na cabeça mas organizá-las de uma maneira interessante e legal também para o professor e para quem for ler ... é complicado²

² Com relação às transcrições das entrevistas foram considerados os seguintes aspectos: a) mantivemos as particularidades lingüísticas e discursivas do texto ora; b) não foram utilizadas letras maiúsculas tampouco a pontuação convencional do texto escrito; os nomes dos entrevistados, disciplinas, etc.. foram omitidos e/ou usados nomes fictícios (Vide Anexo A05); Vide transcrição de entrevista no Anexo A06, à página 9.

Uma das hipóteses³ iniciais do estudo proposto relacionada à escolha do tema⁴, a grande maioria das escolhas está vinculada à atividade profissional que o aluno exerce. Visto por este prisma, então, não deveriam existir tantas incertezas e dificuldades, por exemplo, quanto à forma de se obter fontes de informações e à escolha do tema, dentre outros aspectos.

A partir dessas indagações iniciais, resolvemos investigar estas questões por meio deste estudo monográfico. Com isto, através de entrevistas formais e informais com os discentes, intentamos discutir, a partir do entendimento, visões e dificuldades dos alunos da Fatec-ID, a questão de monografia, focando os seguintes aspectos principais: os paradigmas que norteiam os conceitos que os alunos têm acerca do tema sob investigação, o envolvimento e expectativas dos mesmos no processo de desenvolvimento da pesquisa. Desta forma, através da pesquisa de campo na forma de entrevistas com os alunos apuramos e analisamos os resultados que, contrapostos com conceitos de alguns estudiosos do assunto, nos permitiram tecer as nossas considerações orientadas a partir das nossas intuições de pesquisa bem como das perguntas de pesquisa que compõem a problematização⁵ do estudo.

³  Nas notas que seguem daremos algumas sugestões acerca das seções, que geralmente compõem um estudo monográfico, baseadas na bibliografia sobre o tema do nosso estudo. Assim sendo, procuramos, também, fazer um breve comentário a respeito do enfoque e da perspectiva adotada pelo pesquisador/autor. Com relação à elaboração da hipótese, sugerimos a leitura de “A elaboração da hipótese” em Gonsalves, 2001, às páginas 54 e 55. A escritora, de maneira simples, propõe ao leitor tipos, conceitos de hipóteses, além da seleção dos critérios para a sua formulação.

⁴  Veja em CARVALHO, 1989, à página 151, a orientação proposta quanto à questão da seleção do tema. Nesse espaço, o leitor recebe orientações a respeito de como tratar o tema e o seu título em função do problema a ser investigado.

⁵  A esse respeito, propomos a leitura de Lakatos e Marconi, 2001, às páginas 159 e 160: os autores dispõem informações interessantes a respeito da formulação do problema; assim, nos levam a uma reflexão quanto aos aspectos em torno da valoração do problema bem como os tipos de problemas em função do objetivo do trabalho.

Para tanto, desenvolvemos o estudo em 3 capítulos, a saber: no primeiro capítulo, discutimos de maneira sucinta as questões referentes aos conceitos e paradigmas a respeito do trabalho monográfico, fazendo paralelos entre a concepção dos alunos da Fatec-ID e as conceituações sobre monografia obtidas através de pesquisas em publicações de especialistas. No segundo capítulo, discutimos o grau de envolvimento e de comprometimento dos alunos no TF-1; como vêem a monografia como parte fundamental da disciplina; em que ponto passam a se envolver com a pesquisa e, os pontos críticos para a escolha e desenvolvimento do tema. No terceiro capítulo, focalizamos as dificuldades que os alunos têm quanto à apresentação final da versão final do estudo, seja a versão oral ou escrita. Também discutimos as possíveis causas destes temores e dificuldades bem como sugestões para uma possível redução dos mesmos. Ao referir-nos sobre a apresentação escrita do estudo, nosso objetivo foi o de explorar as possíveis dificuldades que os alunos têm tido em “passar para o papel” suas idéias: em outras palavras, como materializar aquilo que têm em mente. No que tange às possíveis dificuldades da apresentação oral, procuramos explorar essa questão focando as dificuldades comuns de comunicação e de expressão oral, do medo de apresentar-se e falar em público.⁶

Como dissemos anteriormente, em uma das aulas de TF1, quando o professor desta disciplina nos pediu que entregássemos, ao final da aula, uma lista de títulos sobre os possíveis temas que pretendíamos estudar e, mesmo tendo dado a oportunidade de propormos até 3 opções, sentimos que havia ainda muita insegurança no que se

⁶ No Anexo A11, à página 22, o professor Reinaldo Polito comenta 10 dicas ao leitor que, se aplicadas, podem auxiliar os alunos por meio do aprendizado de técnicas básicas para superar as dificuldades de falar em público.

refere à definição do tema e ao processo de desenvolvimento de um estudo monográfico. Naquele instante, sentimos que um problema emergia na nossa frente: o de que não estávamos tão preparados para tal decisão. Ante o contexto em evidência e comentado nas seções anteriores, procedemos à organização da discussão proposta, orientados por perguntas de pesquisa, as quais nortearam o desenvolvimento do presente estudo, a saber:

1. Como podemos definir o trabalho monográfico do ponto de vista dos alunos da Fatec-ID?
 - O objetivo principal foi a discussão de alguns conceitos, concepções e paradigmas que têm circulado na comunidade escolar com relação ao trabalho monográfico, ou seja, procuramos argumentar um pouco daquilo que os alunos pensam a respeito da monografia no que tange à estrutura, à argumentação e ao conteúdo a ser desenvolvido.
 2. Quais são as dificuldades mais comuns dos alunos com relação à escolha e à delimitação do tema?
 - Foco na discussão em torno das dúvidas dos discentes quanto à escolha e à delimitação do tema, as dificuldades para a obtenção das fontes de pesquisa.
 3. Quais as dificuldades encontradas pelo aluno para o desenvolvimento crítico da argumentação e a conseqüente apresentação escrita e oral de um trabalho monográfico?
 - Discorreremos acerca das dificuldades comuns que os alunos têm relacionados à produção escrita e à apresentação oral do mesmo.
-

A partir da problematização acima descrita, iniciamos a coleta de dados e de informações com o intuito de elucidar estas questões norteadoras. Sendo assim, no que se refere ao procedimento metodológico⁷ encaminhamos os seguintes dispositivos de pesquisa:

a) preenchimento de um questionário (Vide Anexo A02) realizado com 163 alunos de todos os semestres da Fatec-ID; o referido instrumento configurou-se em um dispositivo de grande importância uma vez que nos orientou na elaboração do Roteiro de Entrevista utilizado nas entrevistas gravadas em áudio (Vide Anexo A03);

b) a partir do instrumento de pesquisa mencionado no item anterior, foram realizadas entrevistas gravadas em áudio perfazendo um total aproximado de 3,5 horas que, posteriormente, foram transcritas seletivamente em conformidade com os “Critérios utilizados para as transcrições das entrevistas gravadas em áudio” (Vide Anexo A05);

c) outro dispositivo de pesquisa relevante ao estudo, foi a gravação em vídeo (5 horas) das apresentações orais dos Projetos de Estudo Monográfico dos alunos de TF-1 do 1º semestre de 2002. Os referidos dados nos permitiram proceder uma análise quanto à questão da apresentação oral dos projetos que serão discutidos no Capítulo 3. Também nesse capítulo, estudamos os trabalhos escritos produzidos

⁷  Ver também as considerações sobre Metodologias de Coleta de Dados em CARVALHO, op. cit., às páginas 155-163; no ensaio sob enfoque a autora oferece informações que auxiliam na escolha da metodologia e identifica os tipos de pesquisas que podem ser utilizadas tais como: pesquisa experimental, pesquisa bibliográfica, pesquisa documental, entrevista informal, entrevista formal, dentre outras.

pelos mesmos alunos de TF-1, (total de 25 projetos) visando avaliar as dificuldades relacionadas à produção escrita dos Projetos de Estudo Monográfico.

d) realizamos a gravação em vídeo da palestra apresentada pela Professora Dr^a. Elisa Pereira Gonsalves intitulada “Trabalho acadêmico: concepções, desafios e formas de organização” ocorrida durante o 1º WorkShop de Monografias e Projetos da Fatec-ID⁸; como consequência, utilizamos algumas passagens da palestra em referência no processo argumentativo do presente estudo. Neste mesmo evento, tivemos a oportunidade de apresentar o nosso projeto de estudo monográfico argumentando os resultados parciais da pesquisa objetivando obter sugestões dos participantes que pudessem auxiliar-nos na condução desta;

e) no dia 05 de setembro de 2002, assistimos a aula inaugural da turma de agosto do curso “Falar em Público com Prazer e Confiança” apresentada, pelo Prof. Reinaldo Polito que desenvolveu os seguintes tópicos: A postura do apresentador: a importância da postura como elemento de expressão corporal; A função do emissor da mensagem.

Para finalizarmos a Introdução ao Estudo faz-se relevante comentar ainda o *status* do pesquisador. Em diversos momentos do presente estudo o pesquisador interfere, como não poderia ser diferente, no processo argumentativo da pesquisa pelo fato de

⁸ Veja detalhes do conteúdo programático do 1º Workshop de Monografias e Projetos no Anexo A10, às páginas 20 e 21.

ser um membro da comunidade escolar sob investigação. Com isso, toma a liberdade de usar a experiência advinda da convivência com o contexto de produção da pesquisa com o objetivo principal de articular as informações selecionadas para compor o estudo que propõe.

CAPÍTULO I

ESTUDO MONOGRÁFICO: ALGUNS CONCEITOS E PARADIGMAS

1.1 Introdução

Neste primeiro capítulo, intentamos discutir a questão dos conceitos e paradigmas⁹ mais comuns vigentes na instituição de ensino tendo como objeto de investigação o estudo monográfico. Abordaremos também o envolvimento dos alunos em torno do assunto. Para tanto, partimos da hipótese inicial de que, o aluno, ao iniciar o Curso Superior de Tecnologia em Automação de Escritórios e Secretariado na Fatec-ID, geralmente, é submetido a informações que o conduzem a formar conceitos às vezes inadequados a respeito da iniciação à pesquisa e, conseqüentemente, da produção de monografias.

1.2 A formação dos conceitos e paradigmas

Quando iniciamos o Curso Superior de Tecnologia em Automação de Escritórios e Secretariado na Fatec-ID no segundo semestre de 1998, atentávamos para os diversos comentários a respeito de monografia por parte dos alunos veteranos. Ao mesmo tempo em que questionávamos esses alunos a respeito, obtínhamos

⁹ O conceito de paradigma considerado no presente estudo associa-se ao que define Kuhn, 2001 à página 219: *Um paradigma é aquilo que os membros de uma comunidade partilham e, inversamente, uma comunidade científica consiste em homens que partilham um paradigma.* Veja mais a respeito de paradigmas em KUHN, 2001 às páginas 217 – 237; BARKER, *The Business of Paradigm*, no Anexo A12.

comentários pouco convincentes sobre o assunto. A título de exemplificação, as respostas comumente veiculadas pelos discentes da instituição eram: *É o trabalho final do curso; (...) É o trabalho mais difícil do curso; (...) Temos que fazer um trabalho com, no mínimo, 30 páginas.* Além desses comentários mais habituais, outros têm surgido e ampliado o imaginário em torno do Trabalho de Formatura como nos elucidou Pedro:

o que eu vejo... que eu escuto falar é que a gente vai ter que esboçar um esqueleto.. um projeto de monografia e pelo que eu tô entendendo ele vai ajudar a gente a montar esse esqueleto... o conteúdo é a gente que vai colocar.¹⁰

Em se tratando do ponto de vista do nosso colaborador da pesquisa, podemos perceber em seu comentário, exemplos típicos de conceitos e concepções que orientam paradigmas em torno do processo de pesquisa desde o projeto até as considerações finais do estudo. Essas indagações que circulavam nos arredores da nossa instituição levaram-nos a formar idéias um tanto vazias em torno do assunto uma vez que não havia uma uniformidade nessas informações. Notávamos a existência de alunos preocupados apenas com o volume das informações a ser escrito não levando em conta que o estudo monográfico pressupõe uma estrutura mínima a ser desenvolvida e, mais relevante ainda, leva em conta uma argumentação crítica acerca do objeto de estudo sob investigação.

Naquele instante, sem nos darmos conta, já estávamos preocupados com a “coerência” e a delimitação do tema, pois para desenvolvermos um texto com tamanhas proporções, seria necessário superarmos no mínimo, em um primeiro

¹⁰ Vide transcrição de entrevista no Anexo A08, à página 16.

momento, nossas dificuldades. Paradoxalmente, tais incertezas são perfeitamente justificadas conforme descrito por Gonsalves:

*A experiência de fazer uma pesquisa no final de um curso de graduação ou de pós-graduação geralmente causa, uma sensação incômoda: a pesquisa é compreendida como aquele trabalho difícil que o aluno não tem “a menor idéia de como se começa”. Quando existe uma noção de como se começa, muitas vezes o aluno não tem idéia se vai conseguir terminar*¹¹

Tendo em vista o excerto apresentado, a opinião expressa pela autora parece corroborar com a nossa hipótese quanto às incertezas e dificuldades anteriormente comentadas sobre os desafios que cercam e cerceiam o desenvolvimento da pesquisa acadêmica.

1.3 O envolvimento do aluno com o estudo monográfico

Durante o decorrer do curso, até o 6º semestre, tivemos em outras disciplinas atividades que nos invocavam a ler trabalhos de semestres anteriores que nos serviam de referência para o desenvolvimento das atividades acadêmicas propostas. Porém, não tínhamos ainda noções conceituais e dos procedimentos acerca do trabalho monográfico como iniciação à pesquisa científica. Desta forma, à medida que os semestres passavam, a conscientização dos alunos no que se refere à iniciação à pesquisa permanecia praticamente inalterada. Diante desse quadro, o primeiro contato com o estudo monográfico se deu na disciplina intitulada Trabalho de Formatura - I. Nessa oportunidade percebemos que havia a necessidade de um amadurecimento sobre o assunto conforme relatado por Antonio:

eu continuo sem saber a pesquisa eu eu::: que que eu faço eu pego jornais... e digo oh... tal jornal citou isso outro jornal citou aquilo e vou fazer o desenvolvimento ou vou ter que daí perguntar pra 30 pessoas... 40 pessoas... 50

¹¹ GONSALVES, *op. cit.*, p. 9.

*peças se elas concordam que... o que que elas acham disso tudo... talvez porque a aula tá começando... o semestre tá começando e eu tô perdido...*¹²

Declarações dessa natureza, no nosso ponto de vista, evidenciam uma situação de insegurança por parte dos alunos, pois não tínhamos até então a consciência do desenvolvimento de uma pesquisa científica como um processo de produção de conhecimentos e como parte essencial do desenvolvimento acadêmico da comunidade escolar. A esse respeito, Gonsalves (2001: 20), postula ainda que:

Como produto de um estudo científico sobre um determinado tema, a monografia é caracterizada por um trabalho rigoroso, que sistematiza observações, críticas e reflexões feitas pelo aluno. Mas cabe destacar que uma monografia ultrapassa o nível da compilação de textos, ou seja, não se trata de uma série de resumos e opiniões pessoais, trata-se de uma análise de dados que contribua para elucidar determinados aspectos do tema estudado.

As considerações acima dispostas não poderiam deixar de ser oportunas, pois sentimos que, se não fizermos análises e considerações de maneira crítica, o estudo pode adquirir contornos vazios que comprometem a própria função, objetivos e razão de ser da iniciação à pesquisa.

Como percebemos, a essa altura, o sentimento de uma boa parte dos discentes era o de que o caminho para o desenvolvimento de uma monografia seria bastante árduo, uma vez que muitas dificuldades, de várias naturezas, teriam que ser transpostas. A título de exemplo, o próprio processo de escolha do tema do presente trabalho foi resultado de uma mudança de escolha, pois já havíamos iniciado o projeto de estudo com um tema totalmente diferente. Mas, levados pela intuição de que o tema que apresentamos para discussão seria temperado pela efervescência da descoberta de informações que obteríamos de dentro da própria instituição, resolvemos enfrentar as nossas inseguranças e iniciamos esse desafio que nos

¹² Vide transcrição de entrevista no Anexo A08, à página 15.

provocara um maior envolvimento e interesse. À luz desses critérios, consideramos o interesse e envolvimento com o estudo fatores preponderantes para o bom desempenho de um trabalho monográfico. Como exemplo dessa preocupação central ao estudo, citamos Gonsalves:

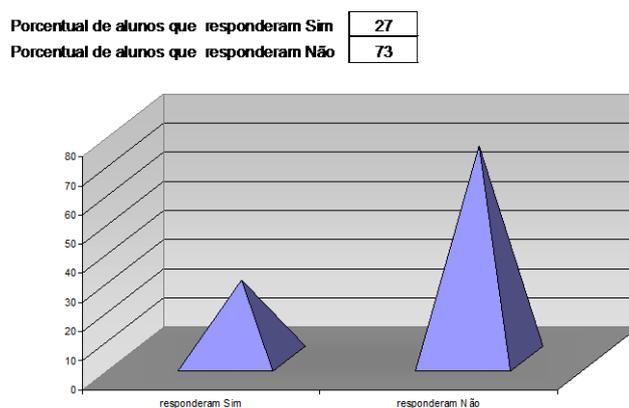
*Estar envolvido com a pesquisa é muito importante, sobretudo porque a investigação científica requer rigor, disciplina, atenção, enfim, um olhar que não dispensamos cotidianamente. Pesquisar dá trabalho sim, não é tarefa simples, mas não é uma missão impossível!*¹³

Ante o trecho anterior, a predisposição e o interesse do pesquisador no encaminhamento do estudo é fator essencial para que as dificuldades pontuadas entre outras partes possam ser superadas e, dessa forma, possamos evidenciar novos sentimentos e posturas acerca da iniciação à pesquisa. Soma-se a esse aspecto uma outra problematização que não podemos deixar de comentar: se levarmos em consideração que durante o decorrer da maior parte dos cursos, o processo de ensino/aprendizagem é mais centrado no professor e em sua metodologia, não é de se admirar que os discentes não estejam preparados para a reflexão crítica tão relevante e requisito essencial à pesquisa acadêmica. Segundo essa ótica, os alunos deparam-se com uma nova situação com a qual não estão acostumados e que exige dos mesmos o espírito de investigação e, portanto, de questionamento esperados do pesquisador.

Em face desses questionamentos, o encaminhamento de um dos dispositivos de pesquisa por nós articulado, nos parece elucidar o fato que o percentual de alunos que admitem ter conhecimentos a respeito de monografia é bastante preocupante. A coleta dessa modalidade de dados foi apurada e classificada em dois grupos: o primeiro, do 1º ao 6º semestres e o segundo, do 7 e 8º semestres. Tal distinção

deve-se ao fato de, antes do 7º período, o aluno praticamente não ter nenhuma obrigatoriedade de envolvimento com a monografia. O gráfico a seguir nos oferece uma visualização desta situação:

GRÁFICO I - Resultados obtidos com a pergunta: Você sabe o que é uma monografia?¹⁴



Em se tratando das informações dispostas acima, podemos constatar que, 27% dos alunos dizem saber o que é uma monografia enquanto que os outros 73% afirmam não ter nenhum conhecimento. Em se tratando de alunos que ainda não tiveram a disciplina TF-1, podemos considerar que é um número bastante representativo dentro do âmbito em que se encontra. Uma outra colaboradora da pesquisa, Marina Monteiro, reforça esses resultados da seguinte maneira:

*a gente sabe da monografia praticamente no último ano... a gente ouve muito falar olha... procure escolher o tema antes... procura pesquisar... só que você não tem uma preparação desde o primeiro semestre...*¹⁵

A observação acima nos direcionou a consultar os alunos do sétimo e oitavo semestres com o intuito de compararmos a situação daqueles que já cursaram ou

¹³ GONSALVES, 2001, p. 10.

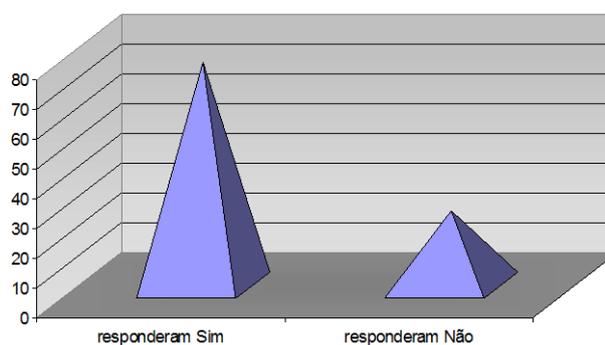
¹⁴ Números referentes às respostas dos alunos do 1º ao 6º semestres.

¹⁵ Vide transcrição de entrevista no Anexo A06, à página 8.

estão cursando TF-1; os resultados advindos de suas repostas, por meio do referido instrumento de pesquisa, evidenciam a inversão da situação:

FIGURA II - Resultados obtidos com a pergunta “Você sabe o que é uma monografia?”¹⁶

Porcentual de alunos que	responderam Sim	75
Porcentual de alunos que	responderam Não	25



Por essas colocações dos alunos, podemos afirmar que as informações obtidas não só se invertem, em relação ao gráfico I, como também aumentam a amplitude entre aqueles que responderam afirmativamente dos alunos que responderam de maneira contrária. Diante dessas circunstâncias, podemos afirmar também que o aluno começa a ser sensibilizado a respeito do estudo monográfico somente nos dois últimos semestres de curso. Se considerarmos essa situação, nos parece pertinente afirmar que ocorre uma escalada vertiginosa entre as situações sob enfoque levando em conta a extensão e, principalmente a criticidade esperada de um estudo de iniciação à pesquisa. À luz desses contextos antagônicos e conflitantes, entendemos que se o aluno tivesse uma aproximação com o estudo monográfico nos semestres

anteriores, provavelmente, haveria um espaço mais adequado para o encaminhamento e desenvolvimento esperado com a iniciação à pesquisa na qual a monografia torna-se a materialização, sempre inacabada, de todo o processo da pesquisa proposta.

1.4 Resumo do Capítulo

Abordamos no presente capítulo, alguns dos conceitos e paradigmas que se cristalizam na instituição de ensino a respeito do trabalho monográfico. As situações em que ocorrem a veiculação desses conceitos de maneira imprópria, podem levar o aluno a formar uma opinião indevida a respeito do assunto; como consequência desse aspecto, um clima de dúvidas, incertezas e dificuldades é instaurado causando resistências dos alunos com relação ao estudo monográfico. No capítulo seguinte, discutimos os meios comuns de aproximação do aluno com a monografia, suas incertezas e dificuldades quanto à escolha e à delimitação do tema.

¹⁶ Porcentagens referentes às respostas dos alunos do 7º e 8º semestres.

CAPÍTULO II

A RELAÇÃO DO ALUNO COM O ESTUDO MONOGRÁFICO

2.1. Introdução

Ao decidirmos discorrer sobre o tema do presente trabalho, uma das nossas propostas foi a de apurarmos em qual momento do curso o aluno da Fatec-ID passa a se interessar por monografias. No primeiro capítulo, abordamos de maneira sucinta algumas questões relacionadas a conceitos e paradigmas que os alunos têm acerca do assunto. Desta forma, tendo em vista a segunda pergunta de pesquisa que orientou a nossa discussão, neste capítulo, discutiremos as dificuldades que os alunos geralmente encontram relacionadas à escolha do tema¹⁷ e à obtenção de fontes bibliográficas para o desenvolvimento da pesquisa.

2.2. Quando o aluno se envolve com o estudo monográfico

Como vimos no Capítulo 1, a grande maioria dos alunos passa a tomar conhecimento mais aprofundado acerca da monografia a partir do sétimo semestre quando iniciam a disciplina TF-1, apesar de termos registrados alguns casos em que o aluno se antecipa a esta situação. Ao iniciar o TF-1, o aluno sente que esse

¹⁷  Leia a respeito da escolha do tema em: Lakatos e Marconi, *op. cit.*, p.126-127. As autoras abordam a questão Tema x Problema, oferecendo conceitos e orientando o leitor a intitular o tema em função do problema a ser discutido. Gonsalves, *op. cit.*, às páginas 26 a 30, aborda a respeito dos diversos aspectos que contribuem para que escolha do tema, aliada à área de interesse a ser investigada.

momento é o de tirar de dentro de si, todas as idéias que vinha acumulando durante o decorrer de todo o curso. Mesmo que já tenha o seu tema definido, uma das primeiras barreiras que encontra é a materialização de suas idéias pois, ainda não tem a visão do processo de iniciação à pesquisa bem como da estrutura argumentativa da monografia como um todo. Tendo isso em conta, esse aspecto é sustentado por meio do ponto de vista de um outro colaborador da nossa pesquisa.

De acordo com Eva:

*a princípio assim... eu encontrei vários temas né? mas... depois o que mais me dificultou para escolher os temas e o tema principal (...) foi para desenvolver uma idéia né? para você em cima desse tema você ter que criar por hipótese, né? e tem que colocar pontos a favor e pontos contra né? então dentre todos esses temas eu encontrei... eu achei uma série de dificuldades para achar todos esses... esses pontos né? e depois prá conseguir achar éh::: uma linha de raciocínio também... uma parte pra eu defender uma tese entendeu?*¹⁸

Encontramos no trecho acima, declarações indicando que a nossa colaboradora tem dificuldades para definir a limitação do seu tema dentre outros fatores. Com relação ao tema de uma pesquisa e à formulação da problematização, Lakatos e Marconi esclarecem que:

*O tema de uma pesquisa é o assunto que se deseja provar ou desenvolver, “é uma dificuldade, ainda sem solução, que é mister determinar com precisão, para intentar, em seguida, seu exame, avaliação crítica e solução” (Asti Vera, 1976:97). Determinar com precisão significa enunciar um problema, isto é, determinar o objetivo central da indagação. Assim, enquanto o tema de uma pesquisa é uma proposição até certo ponto abrangente, a formulação do problema é mais específica: indica exatamente qual a dificuldade que se pretende resolver.*¹⁹

Essa perspectiva permite afirmarmos que a escolha e a delimitação do tema é um fator importante para que evitemos as dificuldades comumente encontradas em relação à escolha e delimitação do mesmo. Assim como Eva, entendemos que

¹⁸ Vide transcrição de entrevista no Anexo A08, à página 15.

¹⁹ LAKATOS e MARCONI, *op. cit.*, p. 126.

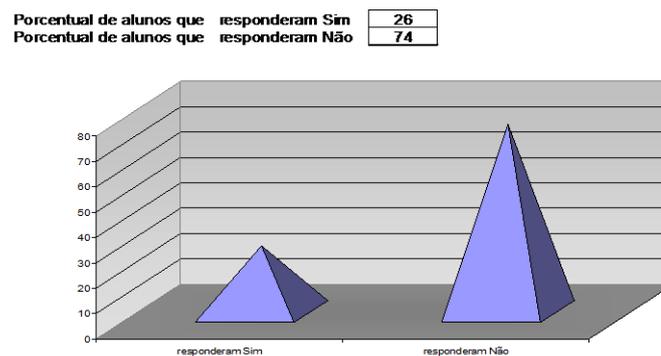
possa haver outros alunos com o mesmo grau de dificuldade uma vez que, ao considerarmos os resultados organizados no gráfico III a seguir, é baixo o índice de alunos que chegam ao TF-1 com um tema definido.

2.3 Quando o aluno começa a pensar no tema

Uma questão aparentemente simples, que foi uma das nossas preocupações na constituição do presente trabalho, foi a de verificar o percentual de alunos que têm um tema definido para desenvolver a sua monografia envolvendo os alunos do primeiro ao sexto semestres; os resultados da pergunta configuram-se como seguem:

GRÁFICO III – Resultados obtidos com a pergunta “Você já tem um tema definido?”

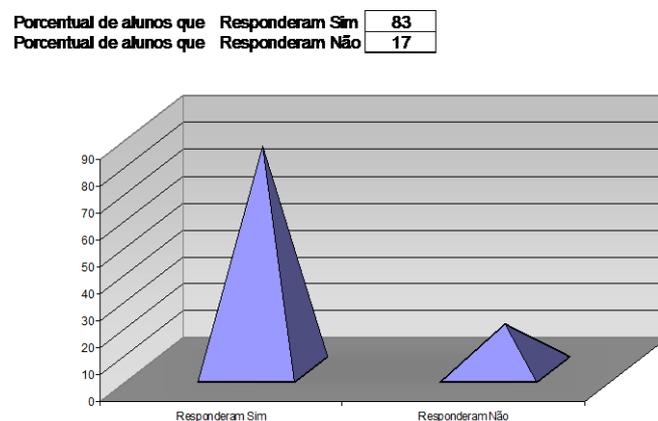
20



²⁰ Porcentagens referentes às respostas dos alunos do 1º ao 6º semestres.

Como vemos no resultado acima, 26% dos alunos do 1º ao 6º semestres já pensam em um tema a ser discutido e praticamente é o mesmo índice do resultado apresentado no gráfico I. Ante os resultados dispostos, estes sugerem que o aluno que tem um tema a ser estudado, em princípio, teria algumas noções sobre a monografia. Esse aspecto parece nos orientar à idéia de que o aluno que tem um tema definido, é, provavelmente, levado a ampliar os seus conhecimentos a respeito do estudo monográfico o que possivelmente o auxilia quando começa a cursar o TF-1. O próximo gráfico nos mostra suas respostas à pergunta que encaminhamos:

GRÁFICO IV: – Resultados obtidos com a pergunta “Você já tem um tema definido?”²¹



Baseados nas respostas dos entrevistados, podemos afirmar que esses resultados possibilitam a interpretação de que nem todos os alunos do TF-1 e TF-2 têm um

²¹ Porcentagens referentes às respostas dos alunos do 7º e 8º semestres.

tema definido. Como consequência disso, o seu desempenho pode ficar comprometido durante o processo de desenvolvimento da monografia, se considerarmos, principalmente, a disponibilidade limitada de tempo que o aluno-pesquisador tem a sua frente. Desta forma, entendemos que o aluno que já tenha lido uma monografia poderá, por meio dessa experiência, encontrar caminhos que o orientem aumentando e potencializando as possibilidades de sucesso no estudo proposto. Sendo assim, fazendo uso dos resultados advindos desse mesmo instrumento de pesquisa, o nosso próximo foco de análise refere-se ao momento do curso em que o aluno desperta o interesse em ler e manusear uma monografia.

2.4 Quando o aluno lê uma monografia.

Tendo em conta que a estruturação do estudo configura-se em uma das fases mais importantes para o desenvolvimento do trabalho monográfico, propomos que o aluno-pesquisador tenha acesso a outras monografias das quais pode ter sugestões para definir como será a estrutura do seu trabalho. Um ponto que avaliamos ser de suma importância refere-se ao fato de termos à disposição as monografias anteriormente desenvolvidas na instituição²². Este procedimento pode oferecer uma visão global quanto ao processo de desenvolvimento e argumentação de monografias conforme constatamos na declaração de Carvalho:

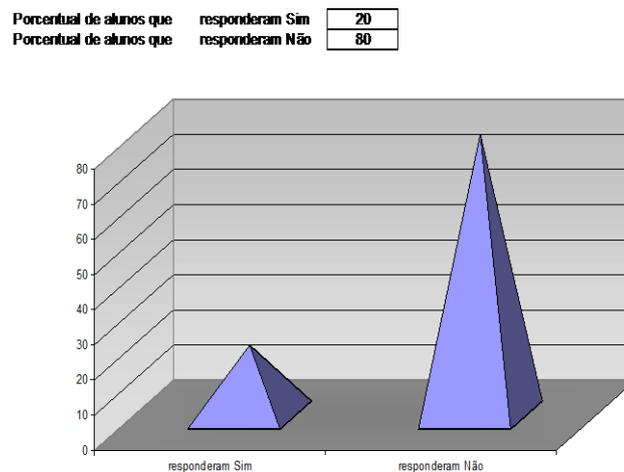
*O tema escolhido deve constituir num desafio, para que a motivação para a pesquisa se mantenha até o final do trabalho. A leitura de outras monografia, a discussão com especialistas da área, debates, filmes, são recursos que auxiliam a escolha do tema e levam à formulação clara do problema a ser investigado e as suas possíveis soluções.*²³

²² Veja nas Referências Bibliográficas, às páginas 34 e 35, sugestões de monografias disponíveis na Biblioteca da Fatec-ID.

²³ CARVALHO, *op. cit.*, p. 151.

No entanto, observamos, baseados nos resultados apresentados no gráfico abaixo, que há um certo distanciamento do aluno nesse sentido mesmo se considerarmos aqueles alunos que ainda não cursaram o TF1.

GRÁFICO V – Resultados obtidos com a pergunta “Você já leu uma monografia?” ²⁴



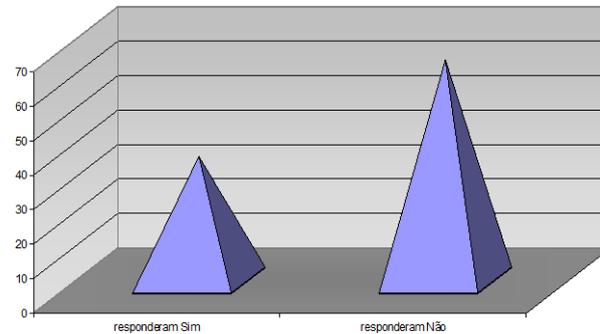
Considerando-se as respostas organizadas no gráfico acima e comparando-as às anteriormente apresentadas nos gráficos I e II, observaremos que os índices se mantêm na faixa dos 20% para a questão relacionada à curiosidade dos alunos com a leitura de uma monografia, antes do TF-1. Em conformidade com os dados obtidos a partir do mesmo questionamento aos alunos que efetivamente já ingressaram no TF-1 e TF-2, deparamo-nos com a seguinte realidade:

GRÁFICO VI: Resultados obtidos da pergunta “Você já leu uma monografia?” ²⁵

²⁴ Porcentagens referentes às respostas dos alunos do 1º ao 6º semestres.

²⁵ Porcentagens referentes às respostas dos alunos do 7º e 8º semestres.

Porcentual de alunos que responderam Sim	36
Porcentual de alunos que responderam Não	64



Dentro do âmbito dos resultados acima apresentados, referentes aos alunos do sétimo e oitavo semestres, apenas uma pequena parcela dos sujeitos colaboradores da pesquisa admite ter lido uma monografia. Visto por esse prisma, entendemos que o referido resultado configura-se em uma porcentagem preocupante face à importância do assunto, principalmente, levando-se em conta o estágio do curso em que o aluno se encontra. Diante desse contexto, os resultados advindos dessa posição dos alunos nos levam à reflexão de que, tal postura acadêmica, se configura em mais um ponto crítico que provavelmente corrobora para as resistências e dificuldades no desenvolvimento da monografia. Antonio, por exemplo, evidencia uma situação de incertezas e dificuldades que pode estar relacionada com essa postura acadêmica inadequada:

eu tô com preocupado... por exemplo quando a gente procura se antecipar o início de um trabalho... por exemplo eu já escolhi o meu tema nos semestres passado... eu não sabia como é que funcionava....²⁶

²⁶ Vide transcrição de entrevista no Anexo A07 à página 2.

Por conseguinte, situações dessa natureza, nos remetem à idéia da necessidade do aluno, antes de TF-1, recorrer com freqüência durante o curso, à pesquisa de temas e suas delimitações bem como à coleta de material que possa otimizar o estudo; de outro lado, faz-se extremamente relevante que o discente, e futuro pesquisador, tenha uma atitude acadêmica mais crítica esforçando-se, assim, para obter informações relacionadas ao estudo monográfico junto aos mecanismos disponíveis na própria instituição de ensino.

2.5 Quando o aluno assiste a apresentação de um estudo monográfico

A exemplo dos aspectos discutidos no item 2.4, que aborda a importância da leitura de monografias, assistir a apresentação pública de monografias tem importância fundamental, pois essa experiência pode abrir horizontes no que tange ao projeto de estudo monográfico além das trocas de conhecimentos que subjazem essa modalidade de atividade acadêmica.

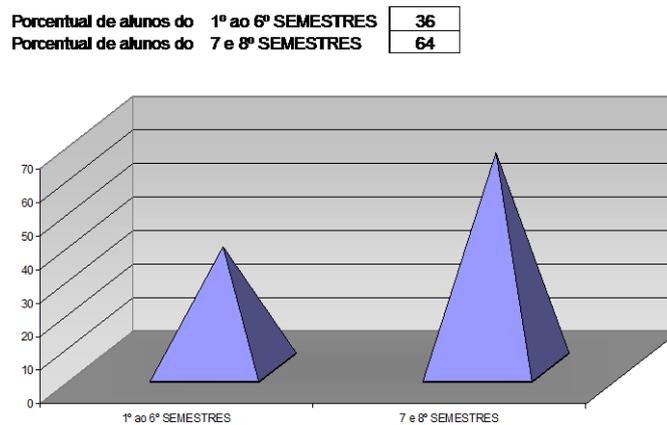
Infelizmente, nos parece que a assistência às defesas públicas de monografias também não faz parte do repertório acadêmico de uma parte significativa da comunidade discente da nossa instituição. Como nos elucida Marina:

assim o trabalho monográfico praticamente eu conheci através do professor Joaquim, né? o que a gente tinha.. eu já havia ouvido alguma coisa a respeito nas aulas anteriores de alunos que fizeram Fatec... deram uma idéia do que era o trabalho e a gente aprendeu um pouco mesmo assistindo os nossos próprios colegas de classe (...) a monografia em si apresentada pra bancada eu nunca assisti²⁷

Como podemos observar a partir do depoimento acima, o fato de o aluno não assistir apresentações de monografias pode, ao final, corroborar para o rol de incertezas, insegurança e dificuldades discutidas em outras partes do presente estudo. O gráfico

VII ilustra os percentuais de alunos que não presenciaram uma apresentação de monografia.

GRÁFICO VII: Resultados obtidos da pergunta “Você já assistiu uma apresentação de monografia?”²⁸



Segundo as informações acima dispostas, avaliamos que a proporção de alunos que não tiveram a oportunidade de assistir às apresentações orais configura-se em um resultado preocupante. Levando em conta esses fatores, parece-nos pertinente apresentar duas propostas que têm como objetivo superar esse quadro. A primeira apóia-se no ponto de vista de Eva:

*nós poderíamos simular os trabalhos com ajuda do professor... formar uma banca com os próprios alunos... entendeu...pra tentar debater sobre o trabalho de monografia do grupo (...) daí a gente pode ter uma idéia... daí porque chega na hora a gente pode ter uma idéia do que a gente vai perguntar (...)*²⁹

²⁷ Vide transcrição de entrevista no Anexo A06, à página 7.

²⁸ Números referentes às respostas dos alunos dos 7º e 8º semestres.

A segunda proposta refere-se ao “Workshop de Monografias e Projetos” que terá a sua segunda edição em dezembro do corrente. A nosso ver, a manutenção desse evento acadêmico não somente visa diminuir a distância dos alunos das apresentações orais de projeto e monografias como também promove as trocas de experiências que circulam na comunidade universitária.

Dentro desse prisma, consideramos a assistência às apresentações dos projetos e monografias um instrumento imprescindível no processo de desenvolvimento do estudo monográfico.

2.6 Resumo do Capítulo

Neste capítulo, discutimos a respeito da relevância do contato, por parte dos alunos, com a monografia e a assistência à apresentação oral de monografias e projetos. Tais fatores, no nosso entendimento, configuram-se em ferramentas decisivas no que tange ao aprendizado do aluno para o desenvolvimento de seu estudo monográfico. No capítulo seguinte, trataremos da questão das dificuldades que os alunos encontram para a produção escrita do seu estudo, e da apresentação oral do mesmo.

²⁹ Veja transcrição de entrevista no Anexo A08, à página 17.

CAPÍTULO III

CONFLITOS RELACIONADOS À PRODUÇÃO ESCRITA DO ESTUDO MONOGRÁFICO E ÀS DIFICULDADES DA APRESENTAÇÃO ORAL

3.1 Introdução

Vimos tentando discutir nos capítulos anteriores, alguns aspectos centrais para as nossas indagações principais, a saber: conceitos/paradigmas sobre o estudo monográfico vigentes na comunidade escolar/instituição de ensino; as dificuldades e desafios dos discentes no que tange à definição e à delimitação do tema; e, o desenvolvimento do trabalho monográfico. Nos dois capítulos anteriores, discutimos, respectivamente, conceitos/paradigmas a respeito de monografias e as dificuldades do aluno na eleição e na delimitação do tema. No presente capítulo, discutiremos os pontos críticos que o aluno encontra tanto para “passar para o papel as suas idéias” como para transmitir estas mesmas idéias ao público quando da sua apresentação oral.

3.2 Na hora de passar para o papel...

Quem não se deparou ainda diante de uma situação na qual têm-se inúmeras idéias e, por um motivo ou outro, não se consegue passá-las para o papel. Em outras palavras, não conseguimos escrever o que temos em mente. Tenta-se então, estabelecer uma estratégia que contemple tanto o enredo como o conteúdo fazendo

deste uma verdadeira dança, pois quando acabamos de escrever um ou mais parágrafos, inevitavelmente fazemos uma leitura crítica. Neste instante, assumimos o papel de leitor crítico e estabelecemos uma rotina de *escreve-apaga-escreve* que parece não ter fim. Porém, a cada vez que o texto é refeito, temos a impressão que vai se tornando cada vez melhor³⁰. Dentro deste contexto, Marina Monteiro, um dos sujeitos colaboradores do nosso estudo, esclarece ainda que:

nós fizemos muitos trabalhos... apresentamos muitos trabalhos mas nada que eu tivesse que trabalhar... um livro de alguém (...) então é muito mais complicado você estar escrevendo e o que li também não tinha tanta assim.... que eu folhee nos trabalhos de monografia anteriores... não era coisa muito trabalhada em termos de escrita³¹

Percebemos, a partir da declaração e da avaliação de Marina Monteiro, prováveis origens das dificuldades que os alunos comumente têm, ou seja, relacionadas a escrever um texto a partir da coleta de dados da pesquisa e, conseqüentemente, ao exercício da análise e da discussão críticas por parte do pesquisador. O fato de termos que desenvolver todo o trabalho e não apenas “colar” frases de um texto já existente, implica, entre outros fatores, um esforço adicional objetivando-se apresentar uma argumentação e discussão que contemplem os requisitos esperados de um estudo monográfico crítico. No que concerne á criticidade esperada com a articulação do texto e aos usos apropriados do discursos, Infante ressalta que:

A escrita tem normas próprias, tais como regras de ortografia – que, evidentemente, não é marcada na fala - de pontuação, de concordância, de uso de tempos verbais. Entretanto, a simples utilização de tais regras e outros recursos da norma culta não garante o sucesso de um texto escrito. Não basta,

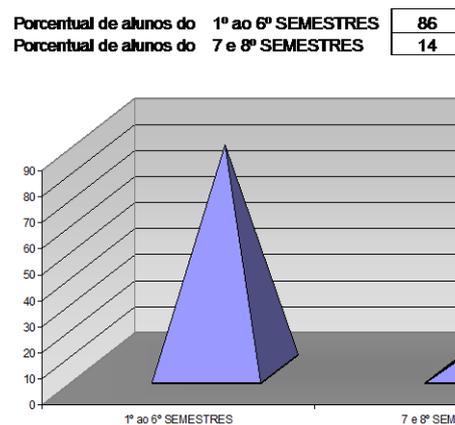
³⁰  Leia sobre “Tecer um Texto”, INFANTE, 1998, às páginas 89 e 90, onde o autor aborda a respeito da importância e regras do texto escrito e faz uma explanação comparativa entre o falar e o escrever.

³¹ Vide transcrição de entrevista no Anexo A06, à página 8.

também, saber que escrever é diferente de falar. É necessário preocupar-se com a constituição de um discurso, entendido aqui, como um ato de linguagem que representa uma integração entre o produtor do texto e o seu receptor.³²

O referido autor nos oferece uma visão ampla que abarca a complexidade do trabalho com a linguagem/dicurso; nesse sentido, essa complexidade pode estar no cerne das dificuldades comumente encontradas para a produção escrita do estudo monográfico. Sendo assim, nas informações obtidas por meio de questionário, evidenciamos os resultados da seguinte maneira:

GRÁFICO VIII: Resultados obtidos com a pergunta “Você tem dificuldade na produção escrita de seu trabalhos solicitados?” ³³



Baseados nas respostas traduzidas no gráfico anterior, os alunos do 1º ao 6º semestres representam a grande maioria daqueles que admitem ter dificuldades no que se refere à produção escrita dos trabalhos solicitados pelos professores e

³² INFANTE, 1998, p. 88 a 89.

³³ Porcentagens referentes às respostas dos alunos dos 1º ao 6º e 7º e 8º semestres.

desenvolvidos nos semestres anteriores; enquanto que os alunos do 7º e 8º semestres apenas 14,0% admitem. Mesmo levando-se em conta que somente uma minoria dos alunos dos últimos semestres admita ter dificuldades na produção escrita do estudo, a nossa análise dos Projetos de Estudo Monográfico, desenvolvidos pelos alunos do TF-1 em semestres anteriores, aponta para uma realidade diferente dessa avaliação proferida pelos alunos do 7º e 8º semestres (Vide “Orientações/Sugestões para o desenvolvimento e acompanhamento do Estudo Monográfico” elaborado por Pouza (2002); o critério para a elaboração do referido roteiro foi a reincidência das dificuldades comumente encontradas nos projetos e monografias analisadas)

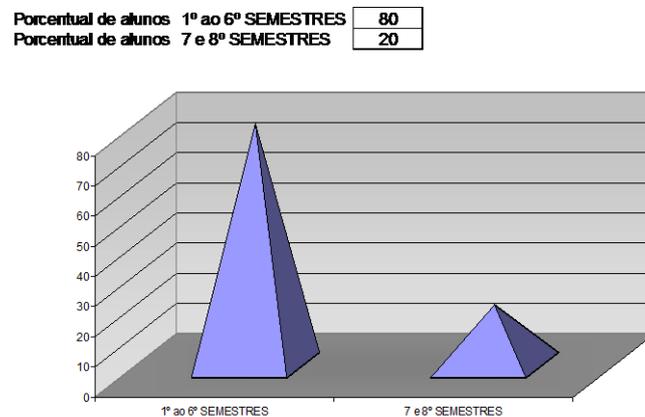
De qualquer forma, para a produção de monografias, é necessário muita disposição para fazer, refazer, desfazer um mesmo texto. Quantas vezes, simplesmente sucateamos páginas inteiras para escrever novamente sobre o mesmo assunto, mas certos de que faremos algo mais adequado. Este sentimento de renovação permanente nos leva a refletir a cada fase, a cada re-escrita tanto com relação à criticidade da argumentação quanto aos procedimentos formais objetivando comunicar ao leitor o nosso ponto de vista de um modo claro e simples.

3.3 A apresentação oral do trabalho monográfico

A nosso ver, a apresentação oral do trabalho monográfico tem se constituído como uma das grandes dificuldades dos alunos. Neste momento o que predomina é o aspecto comportamental que está relacionado a fatores psicológicos e de personalidade de cada aluno. É comum observarmos um certo receio das pessoas

para se apresentarem em público. Após o levantamento dos resultados da nossa pesquisa, o que mais nos surpreendeu foi a questão das dificuldades relacionadas à apresentação oral dos projetos de estudo monográfico dos alunos do sétimo semestre no primeiro semestre do corrente. O gráfico que segue nos permite visualizar as respostas dos alunos consultados:

GRÁFICO IX: Resultados obtidos com a pergunta “Você tem dificuldade com a apresentação oral do projeto de estudo monográfico?”,³⁴



Por essas colocações dos alunos colaboradores do nosso estudo, percebemos resultados totalmente diferentes daqueles anteriormente apresentados. Observamos que é grande ainda o percentual de alunos dos sétimo e oitavo semestres que manifestam ter dificuldades com a apresentação oral. Com relação a isso Carla Andrade ressalta:

*...eu sempre tive dificuldade de fazer apresentação... eu acho que principalmente com temas no decorrer do curso que você não tem muita afinidade... aí dá um branco total lá na frente...*³⁵

³⁴ Porcentagens referentes às respostas dos alunos dos 1º ao 6º e 7º e 8º semestres.

³⁵ Vide transcrição de entrevista no Anexo A06, à página.2.

Ante o relatado na fala acima, ficamos surpresos com esse fato, uma vez que o aluno, em praticamente todos os semestres anteriores, fez no mínimo uma apresentação em público. Talvez tenham sido esquecidas algumas técnicas e orientações que possibilitam com que o aluno lide de maneira mais adequada com essas dificuldades. Algumas dificuldades comuns com a expressão oral podem ser eliminadas ou reduzidas; conforme recomenda Polito:

Todo mundo pode falar em público, e a melhor técnica é a naturalidade. Seja você mesmo. A técnica deve respeitar seu estilo e suas características pessoais. Se você acertar na técnica, mas for artificial, levará as pessoas a duvidar da mensagem. A naturalidade, aliada à emoção, à demonstração de conhecimento do assunto e à conduta pessoal exemplar, é requisito para conquistar a confiança da platéia.³⁶

As recomendações acima sugeridas nos remetem a refletir quanto à necessidade de treinamento, conhecimento do assunto e naturalidade como instrumentos importantes para expressarmos as nossas idéias. Segundo o autor, essas preocupações e premissas relacionadas à expressão verbal nos remetem à idade antiga quando os Sofistas³⁷ desenvolviam seu aprendizado na arte de falar por meio de comentários sobre os poetas, improvisações e promovendo debates (POLITO, 2000: 26). Diante do exposto, sugerimos que o aluno assista a apresentações de projetos e monografias de outros alunos observando o comportamento, o encaminhamento da apresentação e a apresentação verbal do apresentador. Essa troca de experiências e aprendizagem imprescindível pode levá-lo a superar as suas

³⁶ VOCÊ S.A. Junho 2002

³⁷ Na antiga Grécia, os sofistas representavam uma escola de pensamento filosófico e de retórica que tomava a si a tarefa de ensinar conhecimentos gerais, gramática e a arte da eloquência para os cidadãos gregos postulantes à participação ativa na vida política; por esse encaminhamento a referida escola acrescenta questionamentos polêmicos aos debates filosóficos da época (cf. HOUAISS, 2001).

dificuldades para falar em público e, conseqüentemente, potencializar a segurança esperada durante a apresentação de sua monografia.

3.4 Resumo do Capítulo

Nesse último capítulo, discutimos alguns conflitos vivenciados pelos alunos sujeitos da nossa pesquisa entre a produção escrita do trabalho monográfico e a dificuldade da apresentação oral do mesmo. As declarações de alunos que apresentamos, bem como a nossa análise apontam para a crescente necessidade de o aluno ingressar o mais cedo possível, nas tarefas pressupostas pela pesquisa acadêmica para que, dessa forma, obtenha melhores resultados no desenvolvimento do seu estudo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao fazermos uma retrospectiva do desenvolvimento dos capítulos propostos para o presente estudo, tentamos estabelecer um conjunto de considerações iniciais relacionadas ao nosso objeto de investigação, ou seja, o estudo monográfico a partir da perspectiva dos alunos da Fatec-ID. Para tanto, no primeiro capítulo, *Estudo Monográfico: Alguns Conceitos e Paradigmas*, discutimos os principais conceitos e paradigmas que circulam na comunidade escolar *lócus* da nossa coleta de dados e encaminhamento da pesquisa. Nesse capítulo procuramos, também, contrapor as perspectivas que os alunos têm a respeito do trabalho monográfico com as concepções de alguns estudiosos da área com o objetivo central de apresentar as dificuldades mais freqüentes dos discentes diante dos desafios colocados pela pesquisa acadêmica.

O segundo capítulo, *A relação do aluno com o trabalho monográfico*, procurou tratar da escolha e da delimitação do tema que, no nosso entender se configuram em um ponto crucial para o bom andamento do trabalho. Ancorados nas perspectivas dos alunos entrevistados, sujeitos da nossa pesquisa, por meio de questionário e das entrevistas encaminhadas como dispositivos relevantes no processo de coleta de

dados, chegamos ao entendimento de que os discentes deveriam ter um contato mais próximo e com antecedência no que tange à iniciação à pesquisa e ao estudo monográfico. A nosso ver, as dificuldades freqüentemente apontadas pelos sujeitos da pesquisa, através de seus depoimentos, podem ser melhor encaminhadas através das disciplinas oferecidas no curso da Fatec-ID.

No terceiro capítulo, *Conflitos relacionados à produção escrita do estudo monográfico e às dificuldades da apresentação oral*, discorremos a respeito dos entraves que os alunos enfrentam no momento de materializar as idéias nos contornos da estrutura de uma monografia assim como da organização da apresentação oral do estudo. Tendo como parâmetros os trechos destacados dos depoimentos dos alunos e nas respostas às perguntas do questionário que nortearam o capítulo, podemos considerar que os alunos, em sua grande maioria, encontram dificuldades tanto na produção escrita como na apresentação oral de sua monografia. A partir desses aspectos abordados no referido capítulo, propusemos sugestões objetivando minimizar as dificuldades por eles reveladas. Desta maneira, no nosso ponto de vista, os alunos deveriam ter um maior envolvimento com o estudo monográfico, antes de chegarem ao TF-1 pois, dessa forma, promover-se-ia uma melhor interação entre os discentes, as tarefas e desafios pressupostos em estudos críticos dessa natureza. Com isso, entendemos que se o aluno tivesse à disposição um encaminhamento diferente daqueles que têm sido expostos, teríamos uma avaliação mais otimista a respeito; como nos lembra Maria Monteiro:

*A gente sabe da monografia praticamente no último ano... a gente ouve muito falar... olha...procure escolher o tema antes.. procure pesquisar... só que você não tem uma preparação desde o primeiro semestre...*³⁸

³⁸ Vide Anexo A05, à página 2.

Soma-se a essa avaliação, a reflexão e sugestão proposta por Carla Andrade:

...eu acho que desde o primeiro instante que a gente faz um trabalho eh:: muitos alunos ficam com aquela... aquela cola... pega aquele pedaço de livro... pega aquele artigo inteiro na internet (...) a gente deveria entender melhor o que é monografia para chegar no oitavo... ser apenas mais um trabalho eu acho seria bem melhor...³⁹

Todos esses comentários retratam a situação abordada nas páginas anteriores e constitui-se em nossas hipóteses iniciais. Porém, as primeiras sementes para que esse quadro pouco animador possa ser alterado têm sido lançadas nas propostas recentes dos novos encaminhamentos tanto do TF-I como do TF-II. No âmbito dessas mudanças iniciais soma-se o *1º Workshop de Monografias e Projetos*, o primeiro evento dessa natureza a consolidar, de maneira decisiva, por meio das apresentações públicas dos Projetos de Estudo Monográfico e das Monografias, o caráter de trocas dos conhecimentos produzidos pela comunidade universitária da Fatec-ID. Com as novas perspectivas e o compromisso com a divulgação das pesquisas aqui produzidas, novos horizontes despontam e, conseqüentemente, novas sugestões e propostas surgirão com o objetivo principal de encontrar respostas e encaminhamentos que contemplem as dificuldades apontadas em outras partes desse estudo. Diante desse quadro atual, entendemos que propostas que estão sendo colocadas em prática já podem ser evidenciadas nesses eventos. Da mesma forma, entendemos que a presente pesquisa não somente compartilha dessas novas percepções presentes na nossa instituição como também esperamos ter contribuído para discussões e o amadurecimento dos objetivos e processo de

³⁹ Vide Anexo A07 à página 3.

desenvolvimento de pesquisa acadêmica de extrema relevância ao Trabalho de Formatura da Fatec-ID.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Referências Bibliográficas Específicas:

CARVALHO, Maria Cecília M. de (org), **Construindo o Saber: Metodologia Científica - Fundamentos e Técnicas**, Ed. Papirus, 2ª Ed, 1989.

GONSALVES, Elisa Pereira, **Conversas sobre Iniciação à Pesquisa Científica**, Ed. Alínea, 1ª Ed, 2001.

KUHN, Thomas S., **A Estrutura das Revoluções Científicas**, Ed. Perspectiva, 3ª Ed., 1992.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Maria de Andrade, **Fundamentos da Metodologia Científica**, Ed. Atlas, 4ª Ed., 2001.

TRALDI, Maria Cristina; DIAS, Reinaldo, **Monografia Passo a Passo**, Ed. Alínea, 2ª Ed, 2001.

NUNES, Luiz Antonio Rizzatto, **Manual da Monografia: como se faz uma Monografia, uma Dissertação, uma Tese**, Ed. Saraiva, 2ª Ed., 2000.

POLITO, Reinaldo, **Como falar Corretamente e sem Inibições**, Ed. Saraiva, 93ª Ed., 2000.

SEVERINO, Antonio Joaquim, **Metodologia do Trabalho Científico**, Ed. Cortez, 21ª Ed., 2000.

THOMPSON, Augusto, **Manual de orientação para preparo de monografia**, Ed. Forense Universitária, 3ª Ed., 2000.

POUZA, Sullivan S., **Orientações/Sugestões para o desenvolvimento e acompanhamento do Estudo Monográfico**, Agosto/2002, mimeo.

Referências Bibliográficas Gerais:

BARKER, Joel, **The Business of Paradigm**, vídeo e reportagem sobre paradigmas.

INFANTE, Ulisses, **Do Texto ao Texto**, Ed. Scipione, 1998.

POUZA, Sullivan S, **O Habitus e o Monge**, Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo, 2002.

www.testes.usp.br/teses/disponiveis/8/8147/tde-17092002-122933/

Sugestões de Monografias produzidas na Fatec-ID à disposição da comunidade universitária:

- ◆ Cinthia Rodrigues Fernandes: A perigosa relação de poder(es) exercida pelo discurso de telejornais na televisão brasileira (Junho, 2002)
- ◆ Davi de Jesus Novaes: A utilização dos recursos audiovisuais em apresentações orais (Junho, 2002)
- ◆ Yukimi Otaguro: A tecnologia nas malhas do poder (Junho, 2002)
- ◆ Débora de Oliveira e Silva: Estresse e sociedade tecnológica (Junho, 2001)
- ◆ Henrique Pedro Alamar: Criatividade como ferramenta indispensável ao profissional inovador (Dezembro, 2001)
- ◆ José Airton Ferreira: A relação entre empregadores e empregados na nova economia globalizada (Dezembro, 2001)
- ◆ Margareth Ferreira Duarte: Ensino à distância: o desafio de uma nova forma de ensino-aprendizagem (Junho, 2001)
- ◆ Estratégias de aprendizagem de Língua Estrangeira (Inglês) utilizadas por adultos da terceira idade (Junho, 2001)

- ◆ Renata Gasque Gavioli: A informática como ferramenta de motivação na educação (Junho, 2001)
- ◆ Fernanda Regina Paro: O trabalho em equipe (Junho, 2001)